

estilo



Desfile de moda: sonhos de uma tarde de verão

[GILDA CHATAIGNIER]

Graduada em Jornalismo pela UFRJ. Mestre em Artes e Design pela PUC-Rio. Professora e autora de vários livros, entre os quais se destacam *Todos os caminhos da moda* (Rocco, 1997) e *Fio a fio: tecidos, moda e linguagem* (Estação das Letras e Cores, 2007).

E-mail: gilda.chataignier@gmail.com

Que tal vemos garotas marcharem em fila? Ou, quem sabe, andarem com alarde? Pode ser também que prefiram os passos marciais, compassados e elásticos, sempre uma atrás da outra. Os homens que marcham – militarmente ou não – são mais ou menos assim, mas insistem em cantarolar ou dar gritos heroicos, mesmo que estejam na beira da praia praticando exercícios.

Isso me veio à cabeça recentemente por causa dos últimos desfiles de moda do Rio de Janeiro que lançaram a coleção inverno 2010, em pleno solstício de verão, aliás um dos mais quentes da nossa história.

São bonitos? Vale a pena vê-los? Claro que sim, principalmente quando o espaço é generoso, quando o ar-condicionado funciona a contento e os assentos são razoavelmente confortáveis (ainda que, em alguns eventos, possa uma *socialite* distraída esticar seus pezinhos justo no espaldar da cadeira da frente, desestabilizando uma colega de coluna social).

Para os profissionais do ramo – me incluo como jornalista, ainda que faça outros milhões de coisas, como, por exemplo, escrever livros, paixão pura – é uma tarefa que tem glamour e sempre se repete duas vezes por ano. Enjoamos? Ficamos com dor de cabeça? Acredito que para a maioria das pessoas esses pequenos males não acontecem, porque o evento tem seus aspectos informativos e também circenses, além, claro, de seus personagens típicos, que adoram furar filas, exhibir seus trajes da vez e posarem por conta própria para os fotógrafos.

A plateia é imensa, e vemos, além de mulheres de todas as idades, homens e crianças, estas sempre com babás engomadas com seus aventais alvos. Mas a turma que nunca teve a oportunidade de assistir a tamanho espetáculo espera a hora da "liberdade", quando assessoras de imprensa e suas *frilas* anunciam pelos microfones que as pessoas sem convite podem entrar. Claro, desde que fiquem nas últimas filas, aquelas em que a cabeça bate no teto e os pés são colocados em ponta como se fossem de bailarinas.

A iluminação começa a se acender e, no lusco-fusco, as cortinas do palco abrem seus panos, como se fossem saias imensas de divas operísticas. Um silêncio dá uma pausa no local, mas ao mesmo tempo o som repercute seu grito. Está na hora? Ainda não, *darlings!* Na verdade o atraso passa de 60 minutos, deixando alguns indiferentes e outros mudos de emoção.

Lembro-me de um fato (inesquecível), acontecido em Paris em 1992: o poderoso Robert Altman, cineasta de estirpe, que esbanjou adjetivos no final do primeiro desfile de moda que vira (era de Sonia Rykiel), além de deslumbrar-se com o harém de mulheres absolutamente maravilhosas, encantou-se com flashes, fofocas, *flagras* e coisas tais. Nem parecia o diretor de primeira, tanto era o seu êxtase, reacendendo o projeto de filmar o mundo da moda que já acalentava desde os anos 1950. Surgiu então o filme *Prêt-à-porter*, cujas linhas mestras ele já elaborava intimamente.

Voltando à nossa história, conversei com algumas colegas e amigas – sempre fiéis ao Fashion Rio como eu – e ficamos observando as novidades, além dos pontos fortes e fracos de cada desfile, de cada temporada, conversas estas quase sempre inevitáveis.

Organizar um desfile de moda é tarefa complexa, desafiadora, uma vez que exige muita experiência, planejamento, conhecimento de causa e muita estrada e experimentação na moda. As peças foram criadas possivelmente com alguns meses de antecedência, modeladas no papel, no tecido e nos corpos das modelos, verdadeiras estrelas da passarela. A idealização da coleção, do conceito, das possibilidades de apresentação, ou seja, trilha sonora, luz, formato da passarela, cenário, escolha do *casting*, e ainda, em paralelo, há a produção gráfica para convites, *folders*, cartazes, galhardetes e outras peças promocionais. E o namoro constante com as assessoras de imprensa e editoras de moda, além do fotógrafo escolhido para clicar com exclusividade aquele desfile.

O clima às vezes é tenso, principalmente nos grandes desfiles. São sapatos que apertam ou então são maiores que os pés, meias que se rasgam, o *cache-sexe* esquecido em casa, o maquilador que, sem querer, borra com rímel o olho de uma *top*...

Todos a postos. Vai começar, e tudo termina em minutos. Acabou! Aplausos, beijos e abraços. Vamos para o próximo e amanhã tem mais. *The show must go on.*